



# Sob a sombra da incerteza

*A queda generalizada nos preços das commodities, provocada pela crise financeira internacional, criou um impasse para os produtores de milho no Centro-Oeste brasileiro*

**D**urma-se com um barulho desses. O pânico que tomou conta do mercado financeiro mundial nas últimas semanas só criou mais incertezas num cenário que já parecia desalentador e, com isso, o sonho de obter lucro com a safra recorde de milho safrinha se esfacelou como um castelo de areia diante dos olhos dos produtores rurais mato-grossenses. As dificuldades para o escoamento da safra numa região marcada por gargalos de infra-estrutura e logística criam um problema extra para a maior parte dos agricultores: é preciso retirar o milho para abrir espaço para a safra 2008/09, mesmo que as projeções atuais sejam de recuo na área plantada de soja e milho.

“Temos deficiência em termos de armazenagem, mas de alguma forma já estamos calejados e até hoje sempre se acabou dando um jeitinho”, reconhece a analista de grãos do Instituto Mato-grossense de Economia Agrícola, Imea, Maria Amélia Tirloni, acrescentando que é difícil mensurar o quanto o Estado é deficiente em termos de silos e armazéns. Levando-se em consideração que os especialistas consideram como ideal uma capacidade estática 20%

superior à colheita, pode-se dizer que Mato Grosso está longe de ter uma situação confortável e essa vulnerabilidade fica mais evidente na maioria dos municípios quando acontece – como este ano – de se ter uma safrinha recorde, associada à dificuldade de escoamento da produção.

“O mercado de milho está represado. Mato Grosso tem capacidade para armazenar uma safra de soja (que em 2007/08 foi de 17,6 milhões de toneladas), mas não para estocar o milho ao mesmo tempo. É preciso ir colhendo e escoando a produção”, explica o presidente da Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso, Aprosoja/MT, Glauber Silveira. O Imea estima que 57% do milho colhido este ano (cerca de 7 milhões de toneladas) já foram comercializados, sendo 14% (o equivalente a pouco mais de 1,118 milhão de toneladas) exportados, aproximadamente 25% (cerca de 1,9 milhão de toneladas) consumidos pelos setores de carnes (frangos, suínos e confinamentos de bois) e 18% negociados através de três modalidades de leilões realizados pela Companhia Nacional de Abastecimento, Conab. Mesmo assim a situação é preocupante, o

que levou a Aprosoja a solicitar ao governo federal a criação de um Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro) para ajudar o milho e a soja.

Mas, afinal, o que inverteu a escala do milho? Vários fatores contribuíram para botar uma pá de cal no otimismo do setor, segundo os produtores rurais e especialistas. Em primeiro lugar, existe a instabilidade geral no mercado das *commodities*, responsável pela queda nos preços dos grãos e agravada pela recente crise mundial de liquidez. A isso somam-se o recorde de produção, tanto nos EUA quanto no Brasil, e a alta nos preços dos insumos agropecuários, principalmente os fertilizantes. Juntem-se ainda o velho fundamento da oferta e procura e temos ingredientes suficientes para justificar a dor de cabeça dos agricultores do Centro-Oeste brasileiro.

“O produtor está numa sinuca de bico feia. Estamos encahalados com esse milho e o crédito sumiu. Muita gente comprou adubo na esperança de vender bem o milho, mas ele caiu de preço e o dólar disparou. Esse pessoal está à beira da falência”, lamenta Antônio Galvan, presidente do Sindicato Rural de Sinop, município lo-



Devido à baixa lucratividade, a tendência para a próxima safra é de reduzir a área de plantio de milho

ocorreu neste ano em Mato Grosso: como choveu bem, a produtividade cresceu, garantindo uma super-safra.

Embora não se queixe de falta de armazéns em sua região, o produtor rural Néelson Picolli, vice-presidente do Sindicato Rural de Sorriso, também demonstra preocupação com o escoamento do milho safrinha. “Não tivemos problemas de armazenagem e sim de lucratividade, e a tendência para a próxima safra é de redução de área de plantio. O produtor não pode ficar pensando em produzir grãos para alimentar a humanidade, mas em ter lucro”, alerta Picolli. Ele conta que os produtores de Sorriso se uniram em núcleos e condomínios para enfrentar juntos questões como armazenagem, compra de insumos e comercialização da produção agrícola, visando a reduzir os custos e melhorar a rentabilidade. Apesar desse esforço coletivo, as contas não estão fechando.

O município plantou 200 mil ha de milho safrinha e colheu uma média de 80 sacas/ha. Picolli estima que de 15% a 20% da safra foram vendidos ao preço de R\$ 15 por saca, 20% foram trocados por grãos para a próxima safra, e outros 20% foram comercializados por preços entre R\$ 12 e R\$ 13. Ele calcula que o custo de produção na última safra foi de US\$ 380, o equivalente a 50 sacas de milho por hectare, e prevê que para cobrir os custos de produção da próxima safra o produtor vai precisar de 90 sacas de milho, tendo como base um custo estimado de US\$ 600. “Não podemos correr esse risco. Ninguém vai conseguir colher 90 sacas por hectare”, prevê.

Em Campo Novo do Parecis, a cerca de 380 km de Cuiabá, no médio norte, a situação é semelhante. Lá, também, os produtores não enfrentam dificuldades de armazenagem, de acordo com o gerente sindical Antonio de la Bandeira. “O município tem armazéns suficientes para mais de uma safra de soja”, garante ele, porém, até o dia 15 de outubro apenas um terço do milho tinha sido comercializado. “A situação só não é pior porque o pessoal não está muito preocupado em plantar soja cedo diante das incertezas do mercado”, complementa. Campo Novo do Parecis plantou 110 mil ha de milho este ano, safra e safrinha, e colheu cerca de 550 mil toneladas. “Muita gente segurou o milho esperando melhores negócios”, lamenta o representante do Sindicato Rural de Campo Novo do Parecis, município que se orgulha de produzir

calizado a 470 km ao norte de Cuiabá. O próprio Galvan plantou 600 hectares de milho safrinha, teve uma produtividade abaixo da média da região e, nas primeiras semanas de outubro, estava atrás de um comprador que pagasse “um preço justo” pelo produto.

O boletim do Imea referente aos primeiros dias de outubro alertou para o fato de os preços do milho estarem estáveis em algumas regiões e “menos atrativos em outras”. O boletim divulgado no dia 10 observou uma melhoria no referencial de compra graças à entrada de algumas *tradings* no mercado. Em Campo Verde, a 127 km ao sul de Cuiabá, foram fechados acordos com o preço de até R\$ 15 por saca de 60 kg, enquanto em Primavera do Leste, a uma distância de cerca de 100 km de Campo Verde, a cotação ficou em torno de R\$ 14,50. Em Sorriso, a aproximadamente 390 km da capital, no médio norte, os melhores acordos foram por até R\$ 14, mas

em Lucas do Rio Verde, também no médio-norte, os acordos foram fechados por R\$ 13,80, e em Tangará da Serra, na mesma região, a R\$ 12,50.

### **Papai Noel**

Preocupado com as dificuldades de caixa do produtor rural para pagar os 40% das parcelas de operações de investimentos que venceram no dia 15 de outubro, Galvan diz que o sindicato tem aconselhado o produtor a não fazer reserva de sementes de milho para a próxima safra. “Ele tem que parar de acreditar em Papai Noel e coelhinho da Páscoa. Há poucos meses, entidades como a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, FAO, alertavam que estava faltando comida no mundo, mas, de repente surge uma crise e os preços das *commodities* começam a cair”, reclama o sindicalista, que chama a atenção para o fato da cultura do milho ser muito dependente das climáticas. Aliás, foi o que

Os bem conhecidos gargalos de infraestrutura e logística criam um problema extra para a maior parte dos agricultores



### **Cotações do Cepea/Esalq/USP**

De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo, Cepea/Esalq/USP, as cotações internas do milho continuaram em queda na primeira quinzena de outubro, mas em menor intensidade que nas semanas anteriores. De modo geral, as negociações estiveram calmas, com as vendas concentradas naqueles produtores que têm

necessidade de "fazer caixa" para efetuar o pagamento de parcela de custeio em meados do mês. As atenções de agentes estiveram focadas na forte oscilação do dólar nesta semana, no avanço e no desenvolvimento do plantio nas principais regiões produtoras brasileiras. Entre 6 e 13 de outubro, o Indicador Esalq/BM&FBovespa (região de Campinas-SP) caiu 2,5%, fechando a R\$ 22,29 por saca de 60 kg na 2ª segunda-feira do mês.

30% do milho pipoca consumido no Brasil, que é industrializado pela Yoki na própria cidade. A produção de milho pipoca foi de 30 mil toneladas, colhidas de uma área de 10 mil hectares.

### **Inversão do cenário**

O Imea prevê uma redução de 20% da área plantada de milho na primeira safra. "O cenário se inverteu totalmente. Diante da queda acentuada nos preços das com-



As chuvas aumentaram a produtividade e garantiram uma super-safra de milho em Mato Grosso

modities agrícolas, do aumento nos custos dos insumos (o pacote considerado básico deve custar em torno de US\$ 500 por hectare) e da falta de compradores, o quadro mudou: de uma intenção de aumento de área plantada em 15%, temos hoje a perspectiva de uma redução de 20%", afirma Maria Amélia Tirloni, do Imea, baseada nos depoimentos ouvidos em suas andanças pelos municípios das regiões do médio norte e sul de Mato Grosso. "O termo mais usado nas reuniões com produtores é 'a conta não fecha'", relata. A analista acrescenta outro agravante cujos reflexos ainda não são difíceis de prever: com o aumento nos preços dos fertilizantes e produtos agroquímicos, o agricultor deverá reduzir seus investimentos em tecnologia, em vez de otimizar o plantio na área de lavoura, o que garantiria ganhos em produtividade.

O presidente da Aprosoja, Glauber Silveira, por sua vez, preocupa-se com as intenções de plantio em relação ao milho e à soja para a safra 2008/09. "Hoje só 23% da safra mato-grossense têm preço garantido. A soja existe, mas ninguém quer comprar", lamenta. Silveira mostra dados de um estu-

do do Imea que tinha acabado de chegar à suas mãos em outubro: se todo milho mato-grossense tivesse sido vendido ao preço de aproximadamente R\$ 15, os produtores teriam uma rentabilidade de R\$ 269 milhões, mas uma vez comercializado a R\$ 12,90 – preço médio nas primeiras semanas de outubro –, o prejuízo no bolso é calculado em R\$ 13,4 milhões.

Enquanto aguarda a resposta do governo federal quanto à possibilidade de serem criados novos incentivos para compensar a queda nas cotações do mercado e a falta de compradores, o presidente da Aprosoja sonha com o dia em que 20% da soja produ-

zida em Mato Grosso serão industrializadas no próprio estado e 100% do milho não dependerão mais de fretes, já que a maior parte da produção se transformará em ração para aves, suínos e bovinos. A expectativa é de que esse quadro se torne realidade em cinco anos, com a entrada para valer no mercado de suínos e aves da gigante Sadia, que está concluindo as obras de sua planta frigorífica em Lucas do Rio Verde, e outros pesos pesados da indústria, e também a retomada de fôlego dos confinamentos de bois, que andaram meio mal das pernas este ano em virtude do aumento nos custos de produção (ração e gado de reposição). **FB**

### **Projeto estuda o efeito inseticida do cipó acreano**

O talo triturado do cipó "kangarà kanê" (*Tanaecium nocturnum*), planta popularmente conhecida como cipó vick e muito comum no Acre, vem sendo testado no milho armazenado, com grande eficiência, como inseticida natural no controle do gorgulho (*Coleoptera curculionidae*), a praga mais agressiva que infesta os grãos. A boa notícia vem da Reserva Extrativista, Resex, Cazumbá-Ira-

cema, localizada nos municípios de Sena Madureira e Manoel Urbano no Acre, uma área de pesquisas sobre conservação e uso sustentável da biodiversidade. Os estudos são fruto de uma parceria entre o Programa Biodiversidade Brasil-Itália, PBBI, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente, Ibama, e a unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa Acre, na região.

